

# Versos sobre o Livre-Arbítrio?

R. K. Mc Gregor Wright

No passado, os arminianos que usavam a versão *King James*, não tiveram muito apoio neste assunto. Pondo de lado as referências às “ofertas do livre-arbítrio”, a expressão “livre-arbítrio” aparece nessa tradução em um verso somente — Esdras 7.13, onde é-nos dito que certas pessoas que estavam “inclinadas por seu próprio livre-arbítrio” a deixar o reino e ir para Jerusalém, seriam autorizadas a fazê-lo. Em outras palavras, o rei Artaxerxes simplesmente declara que aqueles judeus que quisessem emigrar com Esdras para a sua terra natal, eram livres de qualquer repressão e que poderiam ir, se quisessem. A palavra traduzida aqui como “livre-arbítrio” é de uma raiz significando “espontâneo”, “desejoso” ou “voluntário”. Ela indica somente que a pessoa está agindo sem qualquer impedimento legal ou físico que anteriormente houvesse sido posto sobre ela por Nabucodonosor. Isso pode ser provado de maneira simples pelo fato de que a palavra ou sua raiz aparece 16 vezes na Versão *King James*, para referir-se às “ofertas do livre-arbítrio”, que foram encorajadas a serem praticadas além das outras prescrições da Lei, tais como os dízimos. A questão aqui é uma distinção na Lei, não uma afirmação metafísica a respeito de se a faculdade de escolha é causada ou não. É desnecessário dizer que os estudantes da Bíblia, influenciados pelo pensamento arminiano, normalmente percebem que eles não podem usar as referências às ofertas voluntárias para provar a sua teoria sobre a natureza humana.

Para provar o conceito arminiano da vontade humana, seria necessário encontrar versos que estabeleçam que a faculdade de escolha (ou a “vontade”) seja não somente *não influenciada ou causada a agir de um modo ao invés de outro por quaisquer pressões externas*, mas também que a faculdade de escolha não seja causada a agir por quaisquer causas ou influências psicológicas que venham de dentro da própria alma. A vontade deve ser concebida como uma faculdade independente de fazer escolhas autônomas, independentemente das características da natureza da pessoa. Naturalmente, essa noção tão curiosa não é nem mesmo sugerida na Bíblia. Estritamente falando, não há quaisquer versos na Bíblia que ensinem um livre-arbítrio no sentido arminiano. Uma solicitação pelos calvinistas de uma prova exegética da noção arminiana do livre-arbítrio geralmente provoca um silêncio atordoante. Os arminianos sustentam que essa verdade do livre-arbítrio é auto-evidente, e em geral não lhes ocorre “provar” a teoria.

A essa altura, a teoria do livre-arbítrio é exposta pelo que ela realmente é: uma pressuposição extrabíblica imposta sobre a Bíblia, vinda de fora. Se o livre-arbítrio é assumido sem questionamento cada vez que a idéia da vontade ou da escolha aparece na Bíblia, os arminianos automaticamente presumem que é uma referência ao livre-arbítrio no sentido em que eles entendem. De repente, o silêncio exegético é quebrado com um dilúvio de versos se referindo à vontade, escolha, ordens e convites. Daremos uma olhada em alguns desses versos a fim de examinar o método comum de raciocínio a partir deles.

**Fonte:** *Soberania Banida*, R. K. Mc Gregor Wright, Cultura Cristã, pág. 173-174.